

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

CAROLINE FERREIRA BORGES

*O Alfinete:*

*Memória e mulher*

Mariana

2017

CAROLINE FERREIRA BORGES

*O Alfinete:*

**Memória e mulher**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Juçara Brittes

Mariana  
2017

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 1407

B732a Borges, Caroline Ferreira  
O Alfinete [recurso eletrônico] : memória e mulher  
/ Caroline Ferreira Borges.-Mariana, MG, 2017.  
1 CD-ROM; 4 3/4 pol..

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal  
de Ouro Preto, Mariana, 2017

1. Imprensa - Brasil - História - Teses. 2. MEM. 3.  
Jornais brasileiros - Mariana (MG) - Teses. 4. Monografia.  
5. Mulheres - História - Mariana (MG) - Teses. I.Brittes,  
Juçara Gorski. II.Universidade Federal de Ouro Preto  
- Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento  
de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.  
III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 070(09)  
: 15  
: 1419548

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL – DECSO-ICSA  
COLEGIADO DE JORNALISMO

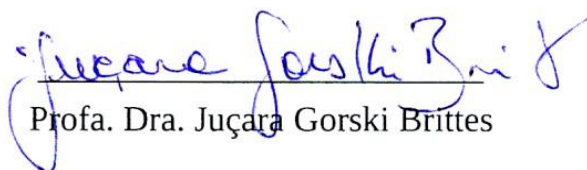
Caroline Ferreira Borges

Curso de Jornalismo – UFOP


*O ALFINETE: MEMÓRIA E MULHER*

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Juçara Gorski Brittes.

Banca Examinadora:

  
Profa. Dra. Juçara Gorski Brittes

  
Profa. Dra. Michele da Silva Tavares

  
Bela. Thainá Teixeira Cunha

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, à vida e às infinitas oportunidades e ensinamentos. Aos meus pais, Lucienne e Augusto, por todo o amor e por me mostrarem que os únicos responsáveis por nossas conquistas, e reconhecimento, somos nós mesmos. Aos meus avós, pelo apoio incondicional e por sempre iluminarem meu caminho. As minhas irmãs, de vida e de alma, por nunca me deixarem desistir: Letícia, Ingryd, Caroline, Vera e Laiz. As mulheres da minha vida, Carla, Eliane, Lilia, Lurdinha, Kika, Claudine, Ana Paula, Luísa e Manuela. Athayde, meu amigo, companheiro e namorado, por dividir comigo essa fase tão importante.

Dedico este trabalho à Juçara, minha orientadora, exemplo de empoderamento e superação de si mesma. Sempre serei grata pela atenção e cuidado e por ter tornado o caminho muito mais fácil. Meu muitíssimo obrigada. Por fim, dedico a todas as mulheres desse mundo: se sozinhas somos fortes, juntas somos invencíveis.

*“Ou escreves algo que valha a pena ler, ou fazes algo acerca do qual valha a pena escrever”*  
*(BenjaminFranklin)*

## RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a representação feminina no jornal *O Alfinete* (1914-1921), através da análise quantitativa e qualitativa dos conteúdos publicados pelo impresso. A partir das quatorze edições analisadas, foram examinados os padrões de narrativa, o posicionamento em relação a presença feminina e a incidência de estereótipos ligados à religião e a mulher idealizada. Percebe-se, assim, que o jornal é uma fonte para o passado, um meio de acessar os discursos e valores da época em que estava inserido.

**Palavras-chave:** O Alfinete; Representação Feminina em Jornais; Mulher mineira; Mariana; História da imprensa marianense

## ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the female representation in the newspaper *O Pin*, through the quantitative and qualitative analysis of the contents published by the journal. From the fourteen editions analyzed, we examined the narrative patterns, the positioning in relation to the female presence and the incidence of stereotypes related to the religion and the idealized woman. It is thus perceived that the journal is a source for the past, a means of accessing the discourses and values of the era in which it was inserted. It then becomes a contribution to the municipality and to the studies of the History of the Media.

**Keywords:** The Pin; Female Representation in Newspaper; Woman from Minas Gerais; Mariana; History of Mariana's Press

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>ILUSTRAÇÃO 1</b> - O Alfinete, nº4 .....	14
<b>ILUSTRAÇÃO 2</b> - O Alfinete, nº55 .....	14
<b>ILUSTRAÇÃO 3 E 4</b> - O Alfinete, nº76 .....	15
<b>ILUSTRAÇÃO 5</b> - O Alfinete, nº 12 .....	16
<b>ILUSTRAÇÃO 6</b> - O Alfinete, nº37 .....	17
<b>ILUSTRAÇÃO 7</b> - O Alfinete, nº59 .....	18
<b>ILUSTRAÇÃO 8</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 59 .....	21
<b>ILUSTRAÇÃO 9</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 37 .....	22
<b>ILUSTRAÇÃO 10</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 65 .....	23
<b>ILUSTRAÇÃO 11</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 73 .....	23
<b>ILUSTRAÇÃO 12</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 84 .....	24
<b>ILUSTRAÇÃO 13</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 37 .....	25
<b>ILUSTRAÇÃO 14</b> - <i>O Alfinete</i> nº 64 .....	26
<b>ILUSTRAÇÃO 15</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 76 .....	27
<b>ILUSTRAÇÃO 16</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 37 .....	28
<b>ILUSTRAÇÃO 17</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 12 .....	30
<b>ILUSTRAÇÃO 18</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 65 .....	31
<b>ILUSTRAÇÃO 19</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 76 .....	32



<b>ILUSTRAÇÃO 20</b> - <i>O Alfinete</i> , nº 34 .....	32
<b>ILUSTRAÇÃO 21</b> - <i>O Alfinete</i> , nº46 .....	34
<b>QUADRO 1</b> - Gêneros textuais em que a mulher aparece n'O Alfinete .....	20

## SUMÁRIO

<u>1. INTRODUÇÃO.....</u>	<u>1</u>
<u>2. Mariana: história e papel .....</u>	<u>10</u>
<u>2.1 -A imprensa marianense.....</u>	<u>12</u>
<u>2.2- Mariana: processos e veículos jornalísticos .....</u>	<u>15</u>
<u>3. Uma questão de gênero.....</u>	<u>16</u>
<u>3.1 - O jornal como instrumento de estudo do cotidiano .....</u>	<u>18</u>
<u>4. <i>O Alfinete</i>: percalços históricos.....</u>	<u>19</u>
<u>4.1- Memória e mulher.....</u>	<u>25</u>
<u>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</u>	<u>42</u>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa o tratamento dado a figuras femininas no jornal *O Alfinete*, um dos pioneiros de Mariana, editado por Alphonsus de Guimaraens, na década de 1910. Observa que os discursos presentes no impresso são reflexos do contexto político e social local e nacional, de modo que os valores expressos correspondem ao imaginário popular da época e constata a subjugação histórica pela qual a mulher mineira foi submetida pela sociedade patriarcal dominante.

A possibilidade de explorar a representação feminina marianense na imprensa no início do século XX, contribuindo não só para a história da mídia de Mariana, mas para a história da mulher mineira, foi o que impulsionou este trabalho. Além disso, observar o modo como as mulheres eram representadas dentro de uma sociedade historicamente conservadora como a de Minas Gerais, é uma maneira de compreender o papel das mesmas atualmente. A escolha d’*O Alfinete* se deve ao contexto em que era publicado, em meio a um período que sucede o sufrágio as mulheres, em 1932. Propõe-se aqui uma análise da representatividade da mulher no jornal *O Alfinete*, por meio do estudo do periódico e da análise de discurso.

O jornal impresso, reconhecido como documento de análise do cotidiano, com seus discursos e formatos, está entre os objetos das pesquisas na área de História, em geral, e da História da Mídia, em particular. Esses estudos são responsáveis pelo resgate dos primeiros periódicos, do contexto em que estavam inseridos e suas contribuições políticas, sociais e culturais não só para a sociedade, como também para o Jornalismo.

Para estudar o *Alfinete*, foram escolhidos procedimentos metodológicos que envolvem ferramentas da análise de discurso e de conteúdo. Segundo Brandão (2002), a análise de discurso consiste na análise da linguagem enquanto discurso e interação, resultado de uma produção social. “Ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia” (BRANDÃO, 2002, p.11). Dentro da análise de discurso, será usada a noção de fórmula trazida por Alice Krieg-Planque, que investiga nos estudos midiáticos como ideias se consolidam no espaço público. Segundo Krieg- Planque, “o

‘espaço público’, num sentido amplo, é o quadro ‘midiático’ graças ao qual o dispositivo institucional e tecnológico próprio às sociedades pós-industriais é capaz de apresentar a um público os múltiplos aspectos da vida social” (KRIEG-PLANQUE, 2000, pag. 115). Desse modo, a autora adota a noção de fórmula para designar um referente social, inserido na sociedade pela imprensa. Bardin (2011) define análise de conteúdo como um método de categorias que permite a classificação dos componentes da mensagem, ocupa-se “de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação” (BARDIN, 2011, p.229).

Ressalte-se a dificuldade de proceder a escolha da amostra com rigor metodológico, de modo que obedecesse às regras estatísticas, baseando-se na periodicidade dos veículos. Pelo fato de *O Alfinete* não possuir periodicidade, a amostra, que corresponde a metade do material disponível, foi escolhida parcial e aleatoriamente, ou seja, por sorteio das edições disponíveis.

O Museu Mineiro, em Belo Horizonte, e o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, em Mariana, possuem exemplares do jornal. O Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto, em Mariana, guarda 27 edições de *O Alfinete*, publicadas entre 1914 a 1921. Desse total, foram sorteados 14 exemplares, datados de 5 de março de 1915 a 3 de agosto de 1921. Trata-se das edições nº 12, 29, 34, 37, 55, 59, 64, 65, 69, 73, 75, 76, 84, 87, que representam 50 % (cinquenta por cento) do acervo.

## 2 Mariana: história e papel

No século XVII, às margens do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, no interior de Minas Gerais, foi onde o bandeirante paulista Salvador Fernandes Furtado de Mendonça e os milhares de negros e índios escravos liderados por ele encontraram ouro e fundaram a primeira cidade e capital do estado, conhecida hoje como Mariana. A fundação da primeira vila de Minas Gerais data de 16 de julho de 1696. Assim como outros centros urbanos do estado, Mariana viveu “tempos de opulência no auge da idade aurífera, século XVIII, bem como os tempos sombrios de sua decadência nos séculos XIX” (SOUZA JÚNIOR, 1983, p.181).

Segundo Souza Júnior (1983), antes da decadência do ouro, a exploração aurífera atraiu um número significativo de pessoas, tanto vindas da colônia quanto de outros lugares, o que concedeu a Mariana o status de primeiro bispado de Minas Gerais e o título de capital. “Assolada no século XVIII, pela febre do ouro, que financiaram as ricas construções barrocas, [a cidade] entra em declínio no século XIX.” (SOUZA JÚNIOR, 1983, p.181).

Quase tão rápida quanto a ocupação do centro urbano da cidade, foi sua desocupação. A crise do ouro leva boa parte da população da cidade a trocar a vida urbana pela vida rural. Inúmeros donos de lavras de ouro vão buscar outras searas para investirem o acumulado com a extração do metal. Abandonam o centro urbano, rumando para outras Capitânicas ou para a região de “fronteira”. A cidade e o casario vão ser ocupados pelos antigos mascates e tropeiros. (SOUZA JÚNIOR, 1983, p. 181)

Souza Júnior (1983) explica que depois da evasão em massa da população marianense, o centro urbano ficou nas mãos das famílias residentes, que realizaram as mudanças necessárias no que é hoje conhecido como centro histórico para que continuasse a funcionar.

Apesar dos esforços da população remanescente de devolver um pouco do antigo brilho do que restou do grande centro urbano mineiro, Mariana continuava nessa época (finais do século XIX e início do XX), apenas com parcas estrebarias, a estrada de ferro e com a mineradora, Ouro Preto Gold Mines of Brazil, instalada no distrito de Passagem de Mariana. (SOUZA JÚNIOR, 1987, p.181).

O progresso veio aos poucos, e foi concretizado com a instalação de luz elétrica em 1918, através de um convênio com a mineradora Ouro Preto Gold Mines Of Brazil. Naquela época, todo habitante desejava a modernização, assim como havia acontecido em Juiz de Fora (FONSECA, 1995).

A cidade tornou-se “Monumento Nacional” em 1945, consequência de uma política pública voltada para a consolidação de um patrimônio histórico nacional instituída em 1937, quando foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A criação da “Cidade Patrimônio Histórico Nacional” contou com apoio popular e representa a tradição da cidade secular, com sua arquitetura barroca, herança dos tempos áureos trazidos pelo ouro.

Apesar das tentativas de ascensão depois da queda do grande centro urbano mineiro do século XVIII, Mariana concretiza seu processo de urbanização apenas em 1960, com a chegada das mineradoras na cidade. Segundo Souza Júnior (1983), no início da década de 60 a cidade possuía cerca de 7 mil habitantes, e no final dela o número subira para 35 mil. Uma leva de migrantes chega a Mariana, desta vez não pelo ouro, mas as jazidas de minério de ferro que atraem três grandes companhias e seus operários (CARVALHO, 2002).

A chegada da S.A. Mineração Trindade (Samitri), da Samarco Mineradora S.A. e da Companhia do Vale do Rio Doce evocam nas famílias barrocas o espírito do progresso e o resgate da prosperidade perdida, o que coloca a preservação em segundo plano.

As companhias mineradoras trazem consigo muito mais que operários e suas famílias, trazem novas ideias, novas visões, novos problemas sociais, que logo vão contrastar com o jeito de viver e as ideias da população estabelecida na cidade. O tão esperado desenvolvimento veio, mas não com shoppings e grandes magazines. Ele trouxe a instabilidade, a fugacidade e a incerteza (SOUZA JÚNIOR, 1983, P. 188)

O grande contingente populacional atraído pelas mineradoras muda a estrutura de Mariana. Até a década de 1960, o centro histórico abrigou toda a população da sede urbana, mas com a chegada dos migrantes houve uma mudança no espaço urbano. Segundo Souza Marques (1983), a chegada dos operários demandou a construção de bairros periféricos, o que resultou em uma ocupação desordenada do espaço. As tentativas de evacuação da população das regiões periféricas pela população “tradicional” passam a marcar então a segregação entre o centro histórico e as periferias, característica que se consolida na cidade.

“A história do desenvolvimento dos espaços de Mariana é testemunhada e narrada pelos jornais, que se transformam, assim, em relevantes instrumentos de registro das memórias das pessoas e do lugar que ocupam” (CUNHA, 2013, p.13). Como destaca Ricoeur (2007), a imprensa colaborou para a criação de uma consciência popular, de modo que a cidade e o debate urbano fossem postos em forma de narrativa, para então ser entendida, depois de “vista” e “lida”.

A narrativa impregna mais diretamente ainda o ato arquitetural na medida em que este determina em relação com uma tradição estabelecida e se arrisca a fazer com que se alternem renovação e repetição. É na escala do urbanismo que melhor se percebe o trabalho do tempo no espaço. Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o tempo habitado estão nela mais estritamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento. É possível ali sentir-se extraviado, errante, perdido, enquanto que seus pensamentos públicos, suas praças, justamente denominadas, convidam às comemorações e às reuniões ritualizadas (RICOUER, 2007, p.159 *apud* CUNHA, 2013, p.13).

Desse modo, a cidade de Mariana inaugura a “era da imprensa”, onde é registrada a memória coletiva de seus moradores, e abre espaço para o surgimento dos primeiros periódicos.

## 2.1 A imprensa marianense

A imprensa surgiu no Brasil em 1808, três séculos depois de sua colonização, com a publicação do *Correio Braziliense*, durante a implantação da Imprensa Régia. O surgimento da imprensa tardou no país, principalmente em relação a outros países da América. De acordo com Semerano (1979), os espanhóis implantaram a tipografia no México, em 1533; no Peru, em 1577; e na Bolívia, em 1612. Até 1808, Portugal proibia qualquer tipo de impressão no território, fossem folhetins ou editais. “A censura prévia aos impressos era exercida, no âmbito dos territórios pertencentes à nação portuguesa, pelo poder civil (Ordinário e Desembargo do Paço) e pelo eclesial (Santo Ofício)” (MOREL, 2011, p.23).

As capitanias do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco foram pioneiras em produzir os primeiros impressos. Em Minas Gerais, “era de se esperar que as Minas acompanhassem as principais capitanias e tivessem jornais no período colonial” (MENDES, 2007, p.46). A tipografia chegou à capitania em 1821 e o primeiro impresso, *Compilador Mineiro*, surgiu na antiga Vila Rica, atual Ouro Preto, em 1823, quinze anos após a implantação da imprensa no Brasil.

Sodré (1999) divide a imprensa brasileira do século XIX em quatro fases, a *Imprensa Colonial*, a *Imprensa Publicista*, a *Imprensa Informativa e Literária* e a *Grande Imprensa*. O surgimento da primeira impressão mineira (1823) está inserido no contexto da *Imprensa Publicista* (1822-1840), que segundo Sodré, possui como principal característica a atuação dos jornais como instrumentos políticos.

Vale lembrar que os periódicos da época não eram como conhecemos hoje. Segundo Morel (2015), nessa primeira geração da imprensa brasileira, não havia diferenciação entre o local, o nacional e o internacional, assim como a noção de opinativo e informativo. O contraste se estende também ao suporte físico.

[...] apesar de algumas iniciativas estáveis, havia grande número de títulos efêmeros. Mesmo demandando alguns recursos financeiros, não era preciso ser muito rico para fazer circular um jornal, que tinha formato pequeno e poucas páginas, com anúncios escassos. Tanto um jornal governista quanto um oposicionista tinham um alcance, em princípio, semelhante. E não era necessário ser um privilegiado social para comprar eventualmente um exemplar, cujo preço estava acessível até mesmo para um escravo de ganho que se interessasse em sua leitura. (MOREL, 2015, p. 36)

Para Moreira (2008), existe um consenso de que o impresso foi um dos protagonistas das culturas políticas e tornou-se fundamental para o desenvolvimento dos espaços públicos no século XIX. Mesmo que tenha sido lento o processo de surgimento da imprensa em Minas Gerais, firmou-se como meio de resistência e crítica ao governo vigente, o que influenciou na aparição de outras publicações na região mineira. Segundo Mendes (2007), na primeira metade do século XIX, a imprensa se concentrou na região mineradora, como em Ouro Preto, São João Del Rei, Diamantina, Mariana, Serro, Pouso Alegre, Campanha, Sabará, Caeté, Barbacena e Tiradentes. No final do século XIX, a imprensa ganha espaço em regiões como a Zona da Mata, o Triângulo Mineiro e na nova capital, Belo Horizonte.

O primeiro jornal da cidade de Mariana, o *Estrella Marianense*, foi publicado em 1830, período que coincide com a intensa exploração aurífera e intenso fluxo de migração para a região. No entanto, o *Estrella Marianense*, que marca o início da história da imprensa na cidade, não foi a primeira tipografia. Segundo Moreira (2008), ainda em 1826, foi impresso um Compêndio dos Exercícios da Venerável Ordem Terceira da Penitência, o que comprova uma atividade tipográfica que antecede o primeiro jornal.

Conforme Carvalho (1980), a partir de 1830, cerca de cinquenta publicações mostram o vigor com que se consolidou a imprensa na primeira cidade de Minas.

Houve jornais cuja existência foi meteórica como *O Homem Social* (1831), *Guarda Nacional Marianense* (1834), *O Tonsor* (1889), e *O Caipora* (1890). Outros, porém, circularam regularmente durante anos. Assim, o *Boletim Eclesiástico de Mariana* (1901-1939), trinta e oito anos orientando o clero; *O Germinal* (1905-1955), cinquenta anos registrando notícias locais, servindo o comércio com numerosas propagandas das firmas, ostentando artigos, comentários, poesia de boa lavra; o atual *O Arquidiocesano*, fundado pelo Sr. Arcebispo D. Oscar de Oliveira em 1959 [...]. (CARVALHO, 1980, p.14).



Os indivíduos que estiveram à frente da imprensa de periódicos que circulou em Mariana, durante a primeira metade do século XIX, publicavam em seus jornais interesses próprios, posturas políticas, defesa de alguns ideais bem como a crítica a outros (VERONA, 2017, p.4336). O que era publicado estava diretamente ligado aos interesses do agente social que estava à frente do periódico. De 1831 a 1837 praticamente não encontramos folhas de caráter conservador, são as “mui poucas exceções” da Biblioteca Pública de Ouro Preto. Tal ausência pode ser explicada pelo fato de ser um momento de elevação das ideias liberais. (MOREIRA, 2006)

Os periódicos foram fundamentais nesse processo [expansão das ideias liberais], pois, num debate arrebatador, indivíduos diversos tomaram a palavra impressa para expor suas opiniões. De fato, a imprensa assumiu os contornos de espaço político, de verdadeira arena aberta à participação de todos e ambiente onde foram construídas, veiculadas e discutidas as representações de soberania e liberdade que, naquele tempo, “os povos, especialmente os mais plebeus, entraram a amar demasiadamente”. (MOREIRA, 2006, p.11)

Segundo Moreira (2006), a sociedade mineira foi diretamente afetada pela instalação da imprensa, o que transformou, de maneira progressiva, as relações e as práticas que os indivíduos mantinham com o poder e as instituições locais. Ainda que de forma tendenciosa, os donos dos jornais mineiros e paulistas propagavam a discussão política por meio de textos que expressavam os mesmos pensamentos, através de troca de correspondências entre si (CUNHA, 20113). Vale frisar, no entanto, que as impressões não eram restritas a determinadas camadas sociais. A elite intelectual não era a única a ler os periódicos. Mesmo que parcela diminuta dos habitantes conseguisse ler, outras pessoas puderam ouvir e, ao menos, ver o objeto escrito. Ademais, indivíduos de camadas menos favorecidas também poderiam realizar a prática da leitura e, assim, extrair significados do impresso (MOREIRA, 2006, p. 133).

A circulação de palavras – faladas, manuscritas ou impressas – não se fechava em fronteiras sociais e perpassava amplos setores da sociedade que se tornaria brasileira, não ficava estanque a um círculo de letrados, embora estes, também tocados por contradições e diferenças, detivessem o poder de produção e leitura direta da imprensa. (MOREL, 2015, p. 25)

A imprensa marianense conta também com a presença e participação da Igreja Católica, que sempre manteve relação com o Estado e a sociedade civil. A Igreja possui seus próprios jornais, “constituídos de crônicas, artigos e notícias da diocese” (CUNHA, 2013, p. 17). Dentre eles, se destacam o *Folhinha de Mariana*, que circula na cidade há mais de 150 anos, e *O Arqui-diocesano*. Este último foi, durante mais de 30 anos, a instituição oficial da igreja em Mariana. Segundo Carvalho (1980), muitos dos artigos doutrinários publicados pelo fundador

do jornal, o Arcebispo D. Oscar de Oliveira, foram transcritos para jornais de outros lugares do país e até para o exterior, na Itália.

## 2.2 Mariana: processos e veículos jornalísticos

A imprensa, desde que surge em Mariana com o *Estrella Marianense*, em 1830, se expandiu e incentivou o aparecimento de outros jornais. Os periódicos construíram um ambiente aberto à discussão pública ampliando os debates para além dos espaços tradicionais e contribuindo para a inserção de parcelas significativas da sociedade na própria vida política (MOREIRA, 2006, p. 132). Surgiram veículos ligados ao futebol, associações e instituições escolares, pois estes viram a oportunidade de um espaço para expressar suas opiniões e divulgar suas ações (CARVALHO, 1980). Temos como exemplo *O Marianense Foot-Ball Club* (1928), *O Espeto* (1929) e *O Porvir* (1923).

Assim como em outros jornais antigos, essas publicações possuíam caráter literário e humorístico, além do valor noticioso. O *slogan* do jornal *O Alfinete* (1914-1921) citava “Periódico crítico, humorístico e literário”. Os *slogans* vinham no cabeçalho do impresso e cumpriam a função de traduzir seu papel social.

Há cem anos, os responsáveis pela publicação, os chamados *publishers*, manifestavam seus próprios valores informativos em editoriais de primeira página, nas colunas de opinião, nos slogans de casa e, com frequência, atacavam os valores jornalísticos de seus concorrentes. Isso era o marketing da época. Os cidadãos escolhiam para ler com base no estilo e no enfoque dado as notícias. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.33 *apud* CUNHA, 2013, p.18)

O jornalismo da época estava diretamente ligado “ao comportamento político e social dos atores que se propunham a redigir os impressos e periódicos na província mineira” (VERONA, 2017, 4336). Os redatores da imprensa periódica pertenciam à elite política intelectual da época e, segundo Lustosa (2003), os que desempenhavam o papel do fazer jornalístico assumiam também papel de educadores.

[...] a ação educativa [nas primeiras décadas do século XIX] era exercida por várias “instituições”; concomitantemente à escola, os meios/espços não-escolares de formação tiveram importante função na transmissão de valores, comportamentos e na difusão de conhecimentos. Entre tais meios/espços, se encontram a produção e circulação de romances, jornais, revistas, sermões, apresentações teatrais, festas, pinturas e a criação de estabelecimentos, como sociedades literárias, científicas e bibliotecas. (JINZENJI, 2008, p. 23)

Nos primeiros anos da imprensa, era comum que apenas uma pessoa participasse do processo da impressão. De acordo com Moreira (2008), nas primeiras oficinas tipográficas o proprietário se revezava no papel de editor, redator e impressor. A atividade tipográfica era exaustiva e demandava conhecimentos técnicos, de modo que o processo de produção dependia da capacidade do estabelecimento. A história da impressão de determinada obra, com seus atropelos, problemas e peculiaridades, apresenta--nos um pouco do cotidiano dos estabelecimentos tipográficos mineiros no período regencial. Por conseguinte, oferece-nos pistas sobre uma “cultura impressa” na Província de Minas Gerais. (MOREIRA, 2008, p. 33)

A imprensa se consolidou em Mariana. Com mais de 180 anos de atuação, a cidade é marcada pela circulação de diversos jornais. No entanto, a antiga vila não possui um acervo oficial que represente a história da imprensa local. Conforme observado por Brittes (2013), grande parte do material está espalhado pela cidade de modo desordenado, na mão de famílias, guardados como lembrança ou de colecionadores particulares. Grande parte dessas peças foram doadas ao Laboratório CPLMT posteriormente, formando o acervo sobre o qual este trabalho se baseia.

A atividade jornalística local atual é realizada basicamente por seis jornais: *O Espeto*, circulante desde 1928; o *Ponto Final*, ativo desde 1996; *O Liberal*, fundado em 1989; *O Monumento*, que atua desde 1884 como órgão oficial da Prefeitura; a *Gazeta de Mariana*, órgão oficial da Prefeitura há quatro anos; e a *Folha Marianense*, que circula desde 1997. (CUNHA, 2014). Há outros jornais com circulação inconstante.

### 3 Uma questão de gênero

Em um trabalho que se propõe a analisar as representações femininas na mídia impressa, é importante abordar a questão de gênero em que tal análise está inserida. Para autores como Confortin (2003), o conceito de gênero está intimamente ligado à construção social e histórica que permeia os indivíduos.

O conceito de gênero tem o objetivo de chamar a atenção sobre a construção social dos sexos, sobre a produção do feminino e do masculino, não como algo dado e pronto no momento do nascimento, mas como um processo que se dá ao longo de toda a vida e vai fazendo com que as pessoas, os sujeitos, se tornem homens e mulheres de formas muito diversificadas, sempre de acordo com o que aquela sociedade, aquele momento histórico, a sua cultura, as suas relações étnicas, religiosas, de classe consideram, permitem e possibilitam. Nessa visão, concebe-se a produção do masculino e do feminino, simultaneamente. (CONFORTIN, 2003, p.109)

Para Lauretts (1994), qualquer sistema de sexo-gênero está intimamente ligado a fatores políticos e econômicos de cada sociedade.

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. (LAURETTIS, 1994 p.211)

As concepções de feminino e masculino, e a segregação proveniente disso, são consequências de um pensamento sexista que equivale às diferenças anatômicas e fisiológicas de mulheres e homens, a suas capacidades para o exercício de funções sociais a partir de um prejulgamento que estabelece o que é adequado para cada sexo (NASCIMENTO, 2006, p.21). Para Nascimento (2006), esta postura gera uma ditadura de gênero para ambos os sexos, fator determinante para a hierarquização do masculino sobre o feminino.

Segundo Mattos (1999), o que caracterizou essa hierarquização, foram certas circunstâncias políticas, sociais, econômicas e culturais que criaram o discurso de corpos hierarquicamente construídos, através de redefinirem um fato natural como social. (MATTOS, 1999, p. 28)

A história da mulher, que consiste no estudo de práticas, discursos e registros, é, portanto, permeada pela dominância entre os sexos, onde a mulher ocupa um lugar de subordinação. “A subordinação social da mulher é sustentada por conceitos e valores “morais” entranhados no imaginário social” (NASCIMENTO, 2006).

### 3.1 - O jornal como instrumento de estudo do cotidiano

A análise da representação da mulher em *O Alfinete* permite um panorama das relações sociais e políticas do período e o lugar da mulher à época. O jornal assume o papel de fonte de sua própria história, um meio de expressão de ideias e depósito de cultura (NASCIMENTO, 2006, p.15).

Novos enfoques, novos objetos de estudo, encontram em páginas antes esquecidas os elementos para delinear imagens do passado: modas, costumes sociais, discursos, mentalidades. A leitura dos jornais permite perceber quais são os valores hegemônicos em uma determinada época e região e a forma como esse *zeitgeist* [*termo alemão cujo significado é espírito da época ou espírito do tempo*] vai sendo incorporado e encarnado, até se tornar o parâmetro pelo qual a realidade é medida. (GOODWIN, 2001, p.9)

O jornal é uma grande fonte no estudo do cotidiano. As práticas sociais e discursos nele registrados são resultado das práticas sociais específicas da época e “constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social.” (NASCIMENTO, 2006, p.15). Segundo Nascimento (2006), a mulher mineira foi representada de acordo com princípios considerados ideias de acordo com a época através de teorias científicas e discursos religiosos. De acordo com a autora, é importante sempre considerar que os períodos eram resultado do interesse particular de diversos grupos sociais e do controle das relações de poder, presente, porém nem sempre apresentada de forma direta e clara.

A imprensa era o reflexo do pensamento difundido pela parcela da sociedade que tinha acesso a ela, ou seja, ela era a responsável por construir, consolidar ou reformular as representações sociais e dar-lhes legitimidade. A imprensa é fonte propícia para a formação de imaginários sociais. As abordagens textuais estabelecem representações destes imaginários sociais de forma a levar-nos a pensar de que modo os mesmos acabam por consolidar a própria realidade. (NASCIMENTO, 2006, p.28)

#### 4. *O Alfinete* e seus percalços históricos: uma análise morfológica

*O Alfinete* faz parte da história da imprensa da cidade de Mariana e veio quase um século depois do surgimento da mídia impressa. O jornal é identificado em seu cabeçalho, até a edição nº54, como um “periódico crítico, humorístico e literário”, publicado três vezes ao mês. No entanto, a partir da edição nº55, passou a ser “crítico, humorístico, imparcial e independente”, de periodicidade indeterminada. Isso se deu a uma crise pela qual o jornal passou, devido ao alto número de assinantes que não pagavam pelas assinaturas, o que não influenciou no que era publicado. Três meses depois surgiu “mais jovem e galante do lethargo em que os lançaram os maus assignantes” (*O Alfinete*, 1917, ed.55, p. 2). O cabeçalho trazia também a informação de que eram diversos seus colaboradores, o ano (a partir de sua criação) e a data em que foi publicado e o número da edição.



**Figura 1:** *O Alfinete*, nº4, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

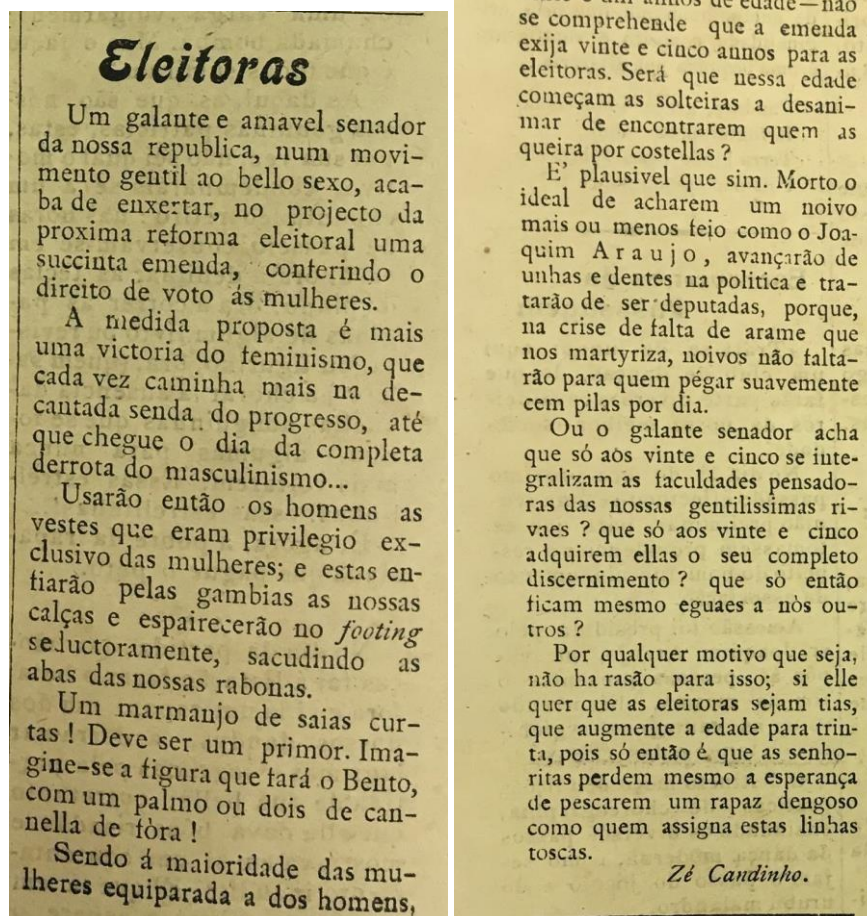


**Figura 2:** *O Alfinete*, nº55, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

*O Alfinete* abordava, principalmente, assuntos de interesse dos moradores de Mariana. O jornal era editado pelo mineiro Alphonsus de Guimaraes, onde o poeta publicou textos humorísticos e usava pseudônimos em algumas de suas publicações. O periódico era conhecido por suas “alfinetadas”, onde figuras específicas da cidade eram alfinetadas e tinham o próprio nome assinado (GUIMARAENS, 2014).

Frequentemente, o que publicava em *O Alfinete* ia assinado com o nome do marianense alfinetado: Joaquim Araújo, José Candinho, Bento de Oliveira, Jovelino Gomes, Raimundo Manecas. Os moradores da cidade, em depoimentos posteriores, lembravam-se da estratégia com bom humor. [...] Difícil saber o que pensavam dos versos de inspiração simbolista, mas recortes das brincadeiras d’*O Alfinete* era guardados com cuidado pelo menos até 1949 [...]. (RICIERI, 2004, p. 311)

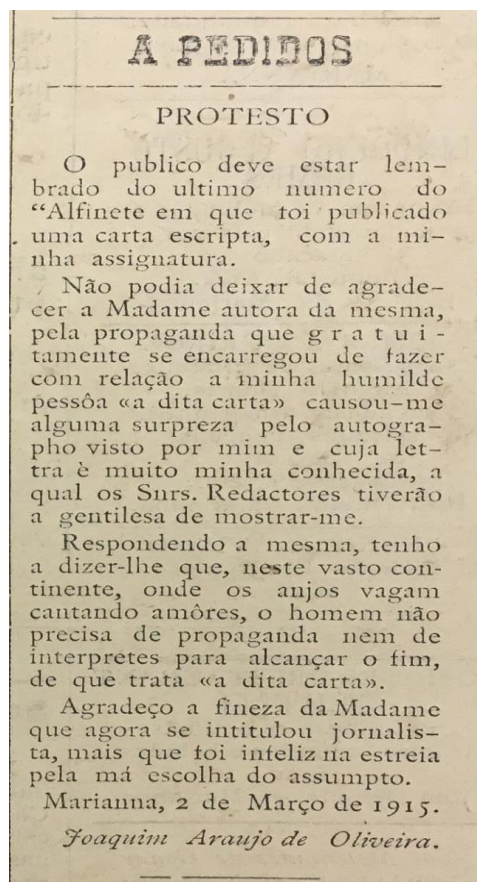
Para Ricieri (2004), o recurso de utilizar o nome de personagens da própria comunidade como pseudônimos para assinar os textos pode ser interpretado como uma maneira de demonstrar empatia pelo leitor, de aproximá-lo do assunto em questão.



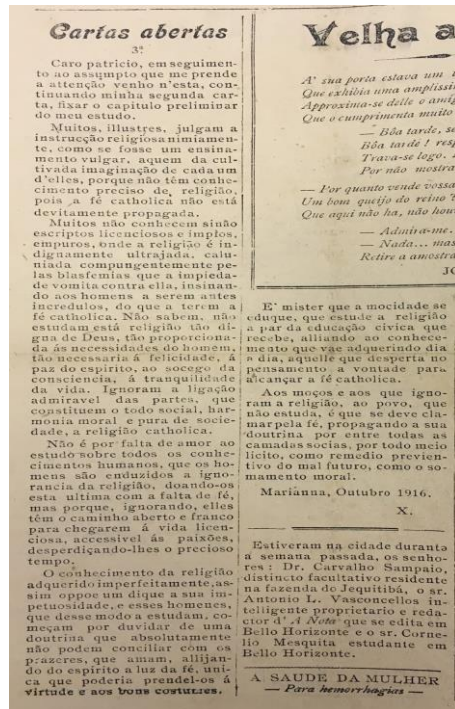
**Figura 3 e 4:** *O Alfinete*, n.º76, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

Os registros indicam que o *Alfinete* sempre dialogou com os leitores, seja através de cartas publicadas, “alfinetadas”, até publicações justificando alguma coisa aos marianenses. As figuras 5 e 6 mostram as publicações “A Pedido” e “Cartas Abertas”, onde fica clara a interação e participação dos leitores no jornal.





**Figura 5:** *O Alfinete*, nº 12, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto



**Figura 6:** *O Alfinete*, nº37, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

O periódico possui quatro páginas e é diagramado em três colunas. Nas edições é possível notar alguns recursos gráficos, como fontes diferentes e ilustrações. As publicações exibiam anúncios, que vinham sempre na última página, acompanhados de uma ilustração, como mostra a figura 7.



**Figura 7:** *O Alfinete*, nº59, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

Na primeira página vinha a sessão “Horas de Mariana”, uma mistura de gêneros jornalísticos, como editorial, artigo de opinião e notícia, como demonstra a figura 8. Na parte superior direita da página era comum a publicação de um poema, de autores colaboradores. Publicava diversas colunas, tais como “Horas de Mariana”, “Jardim do Alfinete”, “Beliscões” e “Alfinetadas”. A coluna “Jardim do Alfinete” era dedicada aos aniversariantes. “Beliscões” e “Alfinetadas” eram um espaço onde eram publicados “recados” dirigidos a determinados marianenses, com o objetivo de criticar o comportamento moral. As outras publicações eram compostas de notas de falecimento, nascimento e casamento, do que era julgado de interesse público. Eram comuns notas dos editores para seus leitores, fazendo referência a alguma publicação antiga, podendo ser de retratação, explicação ou até represália. Observa-se, também, matérias literárias, como contos e outras do gênero informativo, como notícias e informes.

As narrativas demonstravam um tom de subjetividade, sempre nutridas de humor, seguindo as preferências dos responsáveis pelo jornal. Eram postos em discussão questões relacionadas a crises gerais e misérias econômicas. *O Alfinete* abre espaço às leitoras, no

entanto, por questões de temporalidade, o discurso conota uma mulher subordinada, submissa e antagonista de uma história contada por homens, como demonstraremos a seguir.

#### 4.1 Memória e mulher

Em 1914, quando foi publicada a primeira edição do jornal *O Alfinete*, a mulher caminhava para o que se tornaria o início de sua independência. O regime republicano de 1916, permitiu que estudasse e trabalhasse, mas “o domínio masculino continuou determinante na organização vigente” (ALMEIDA, 1998, p.32).

“A República apresentaria uma imagem de mulher inspirada na filosofia contemporânea, a mulher-mãe com qualidades morais altruísticas, a fêmea humana, bondosa, redentora. Porém, a implantação do regime no País, em que pesem algumas mudanças sociais, não alterou o papel de subordinação feminina e as mulheres tiveram, inclusive, negado o direito ao voto pelo governo republicano. O principal argumento era que a inserção na vida política contaminaria a sua pureza e esta era necessária para manter o lar brasileiro longe das torpezas públicas” (ALMEIDA, 1998, p.32)

Segundo Almeida (1998), no cenário pós-republicano, a mulher foi levada à categoria de *rainha do lar*, responsável pela família e assuntos domésticos. As mulheres da classe média podiam trabalhar em casos de necessidade, como falência ou morte do marido. Apenas na área da educação havia oportunidade profissional para o sexo feminino. A mulher representada pelo *Alfinete* reflete esse contexto. Ela é reconhecida como membro da sociedade marianense, no entanto, assume um papel secundário, submisso, sem grandes contribuições intelectuais, um personagem que vem acompanhado de um representante do sexo masculino.

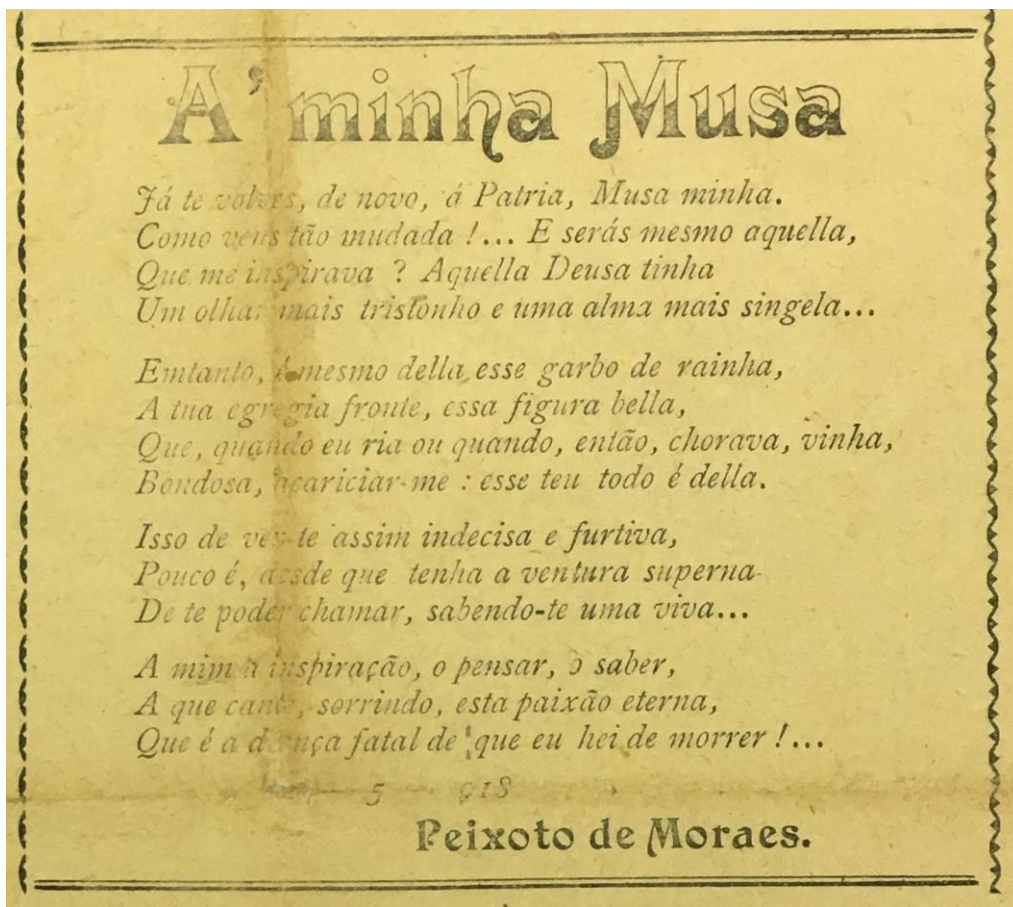
Em termos quantitativos, a figura feminina é citada 121 vezes nas 14 edições analisadas. Ela parece tanto em colunas fixas do jornal, quanto nas específicas de cada edição. É citada em diversos gêneros textuais, como em notas de aniversário, falecimento, casamento, noivado e passagem pela cidade; em anúncios e no gênero literário; em contos; em poemas; em crônicas. Aparece como alvo das “alfinetadas” dirigidas pelo jornal, personagem de acontecimentos e pessoa religiosa.

O Quadro 1 ilustra em termos quantitativos a presença feminina de acordo com os gêneros textuais presentes no *Alfinete*. Leva-se em consideração a definição de Cortez (2008) para quem a crônica é o resultado da interseção da literatura com a imprensa, onde “emergiram gêneros próprios da linguagem jornalística, que se voltam para a atualização narrativa dos elementos das atividades cotidianas e da experiência urbana (CORTEZ, 2008, p.6). Desse modo, quando falamos em crônica, falamos de um relato que originou aquela publicação. Essa definição será aplicada nas sessões “Horas de Mariana”, “Jardim d’Alfinete” e de textos cuja publicação refere-se a um acontecimento que a tenha originado. Na categoria “Coluna”, estão enquadradas as sessões características do jornal, “Alfinetadas” e “Beliscões”. Na sub-categoria “Passagem”, estão enquadradas notas que noticiam a passagem de personagens pela cidade e em “Avulsas”, são notas independentes.

Gênero textual		Ocorrência		Total
Notas	Aniversário	51		
	Casamento noivado	4		
	Falecimento	2		
	Passagem	5		
	Avulsas	11		
	Subtotal			
Literário	Contos	1		
	Crônicas	12		
	Poema	10		
	Subtotal			
Coluna	Alfinetadas	4		
	Beliscões	2		
	Subtotal			
Carta ao leitor	Berlinda	1	1	
				121

**Quadro 1:** Gêneros textuais em que a mulher aparece n' *O Alfinete*

Nos poemas em que a mulher é citada, a mesma assume um papel no amor idealizado, torna-se “a amada”, a musa inspiradora. O eu-lírico exalta suas características, endeusando sua imagem, tornando-a foco de seu desejo. O poema “A’ minha musa”, de Peixoto de Moraes, publicado na edição nº 59 (figura 8), os versos do poeta são dedicados à sua musa, alvo de um amor idealizado.



**Figura 8:** *O Alfinete*, nº59, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

As notas de aniversário (figura 9), casamento/noivado (figura 10), falecimento (figura 11) e passagem (figura 12) são as que possuem maior representação feminina. Sua presença, porém, é secundária. A mulher é mencionada, mas seu nome vem acompanhado do seu parentesco com alguma figura masculina.

## Jardim do Alfinete

Fizeram annos :

No dia 29 do passado a Exma. Sr. D. Candoca Saldanha distincta cunhada do distincto poeta Dr. Affonso Guimarães

No dia 2 do corrente, a Exma Sra. D. Izabel Novaes, virtuosa esposa do Dr. Domingos Novaes. No mesmo dia a Exma. Srta. Micota Braga, delecta filha do sr. Manoel Braga.

No dia 6 passou tambem a data natalicia do nosso correcto amigo Pharm. Jacyntho Godoy, e no dia 9 a da Exma. Sra. D. Maria Magdalena Bemfica.

O Alfinete envia parabens aos anniversariantes.

**Figura 9:** *O Alfinete*, nº37, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto



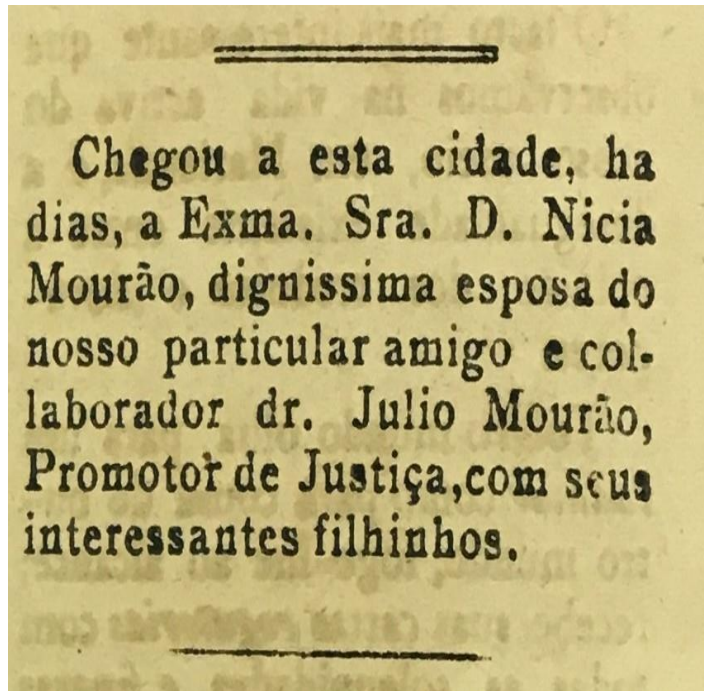
Realizou-se no dia 7 do corrente mez, em Passagem, o enlace matrimonial do sr. Jayme Aragão Moreira, nosso presado assignante, com a senhorita Carmelita Alves Neves, distincta professora na quelle districto.

Foram padrinhos no acto civil, por parte do noivo, o sr. Cnel. Afonso Peixoto e a sua exma, esposa; por parte da noiva o sr. Cap. Manoel Alves e senhorita Nana Vellozo; no acto religioso, por parte do noivo Cnel. José Augusto Pereira e sta. Hilla Moreira e por parte da noiva Major José Wolfango de Mello e sra. Cacilda de Mello.

**Figura 10:** *O Alfinete*, nº65, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

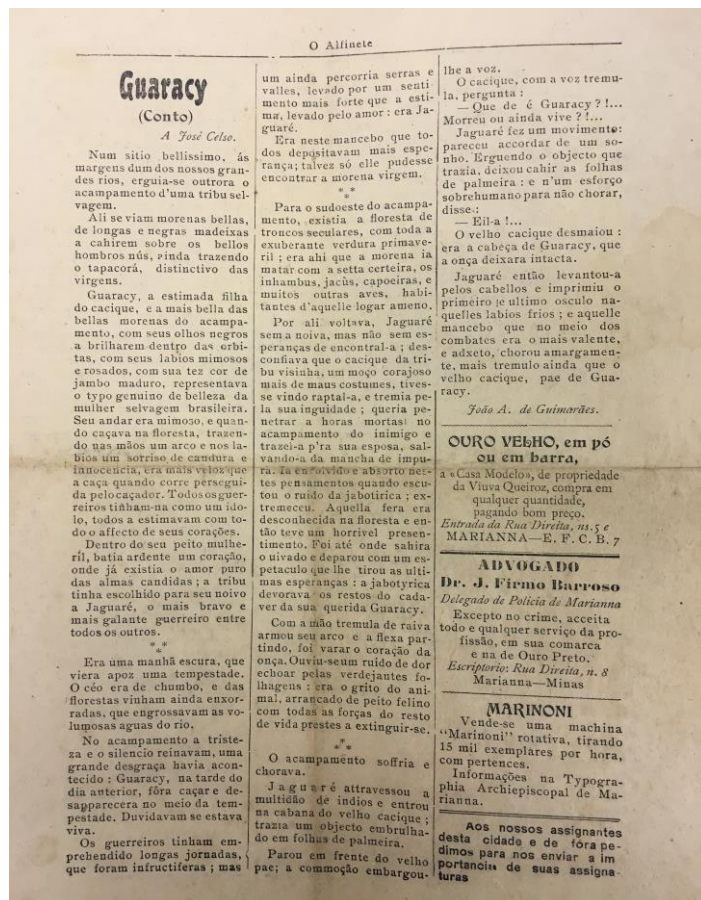
Em Barro Branco falleceu ha dias com a avançada idade de 134 annos, a sra. d. Ponciana de Lanna, que deixa filhos, netos, bisnetos e tetraanetos.

**Figura 11:** *O Alfinete*, nº73, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto



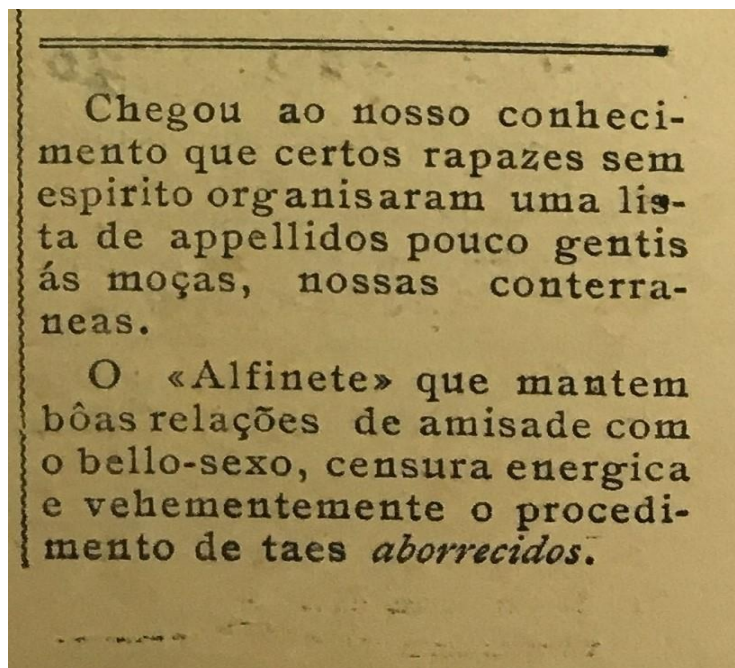
**Figura 12:** *O Alfinete*, nº84, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

O único conto presente na amostra (imagem 13) tem como protagonista o índio Jaguaré, que sai à procura da amada Guaracy, que sumiu após uma tempestade. Guaracy é descrita de maneira idealizada e superficial, com sua beleza sempre em evidência. Sua virgindade é tomada como pré-requisito de beleza e pureza. A personagem é posta ao lado de seu par romântico e assume seu papel ao lado de um homem. Segundo Soihet (1997), as mulheres se constituíam não no ser do conceito, mas da paixão e da imaginação. “A beleza, atributo desse sexo, era incompatível com as faculdades nobres, figurando o elogio do caráter de uma mulher como uma prova de sua fealdade” (SOIHET, 1997, p. 3).

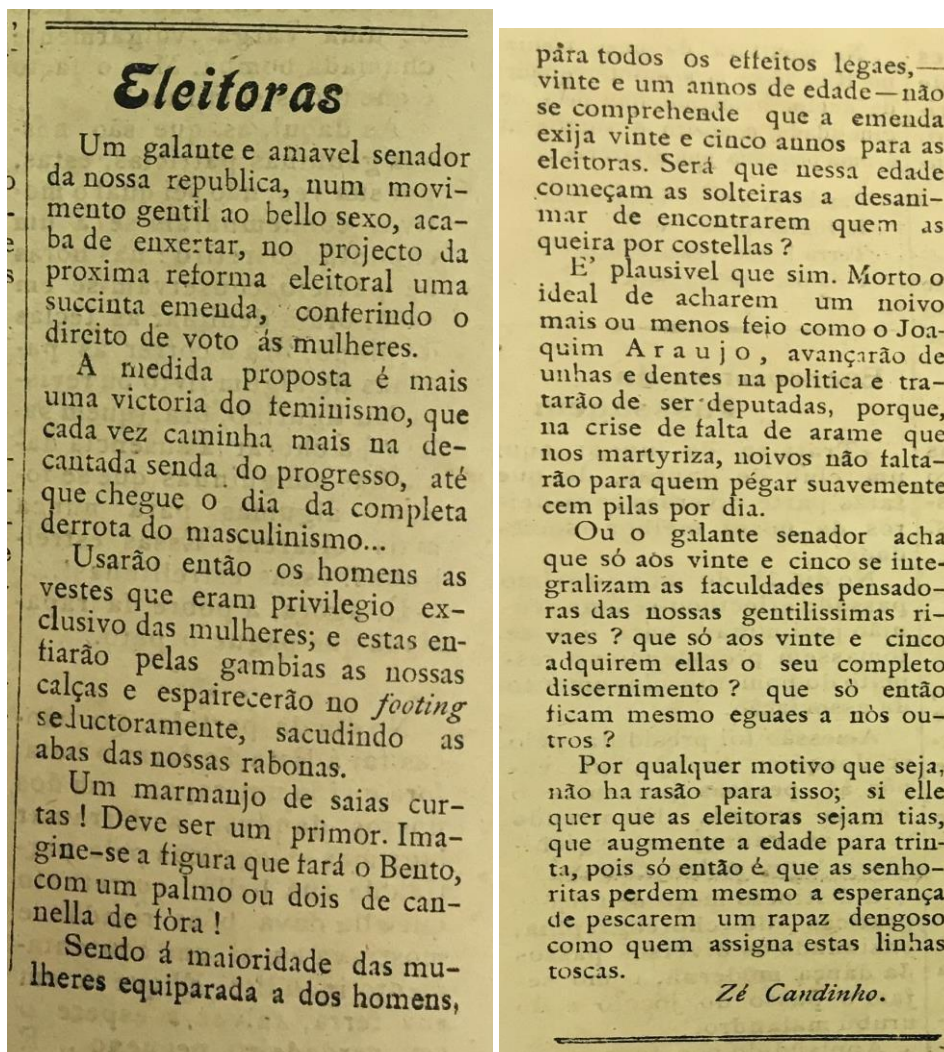


**Figura 13:** *O Alfinete*, nº37, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

Em uma nota avulsa publicada na edição nº 64 (figura 14), *O Alfinete* se posiciona a favor do “bello-sexo”. No entanto, as crônicas indicam o lugar da mulher no impresso e na sociedade marianense, do início do século XX. Na edição nº 76, a publicação de nome “Eleitoras” (figura 15), o autor Zé Candinho opina sobre o projeto de lei de um senador que defende o direito ao voto às mulheres. Ele se posiciona contra, ponderando que as mulheres passarão a assumir lugares comuns que cabem aos homens, como nas vestimentas e nas posições políticas. Usa o argumento de que a possibilidade política as afastaria do casamento, aumentando o número de mulheres solteiras.

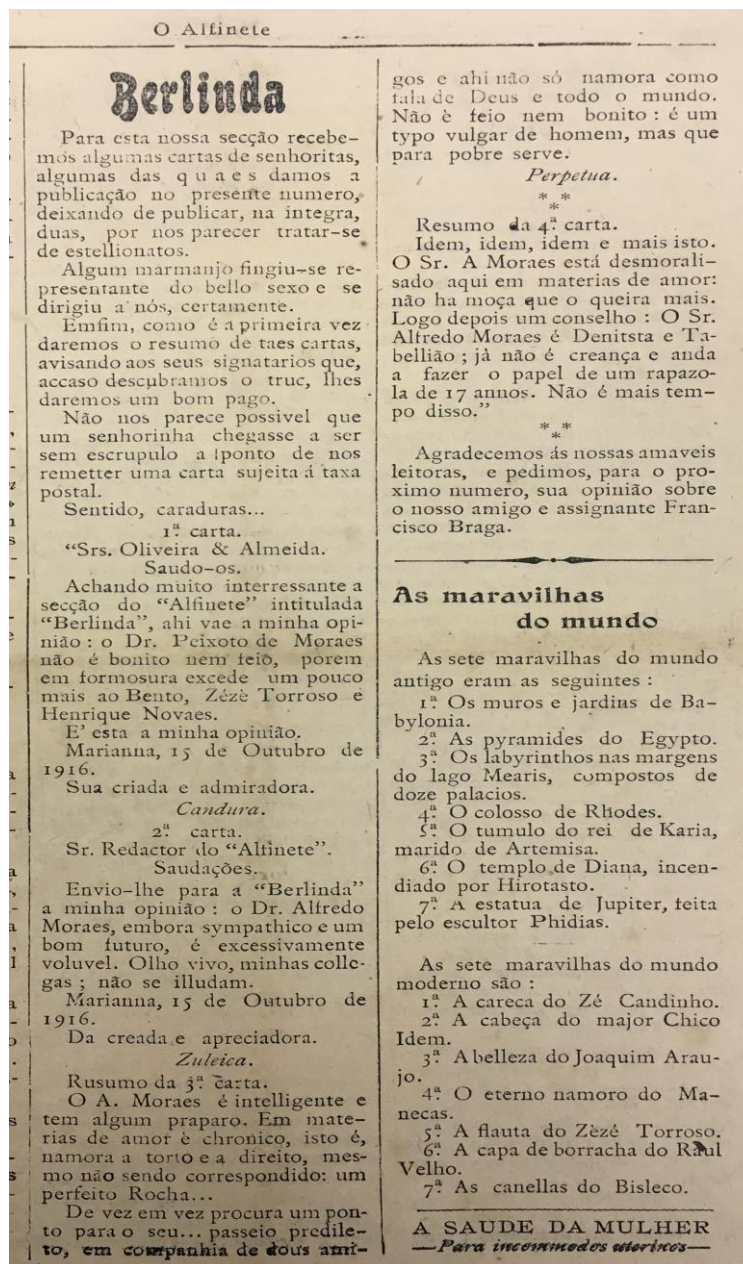


**Figura 14:** *O Alfinete*, nº64, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto



**Figura 15:** *O Alfinete*, nº76, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

Zé Candinho expressa a opinião compartilhada pelo periódico. Essa posição fica clara no espaço que o jornal dedica à mulher. A sessão “Berlinda” (figura 16), publicada na edição nº29, é um espaço dedicado às cartas enviadas pelas moças marianenses. No entanto, as quatro cartas publicadas referem-se a opiniões sobre um homem em específico, vazias de valor social ou político.



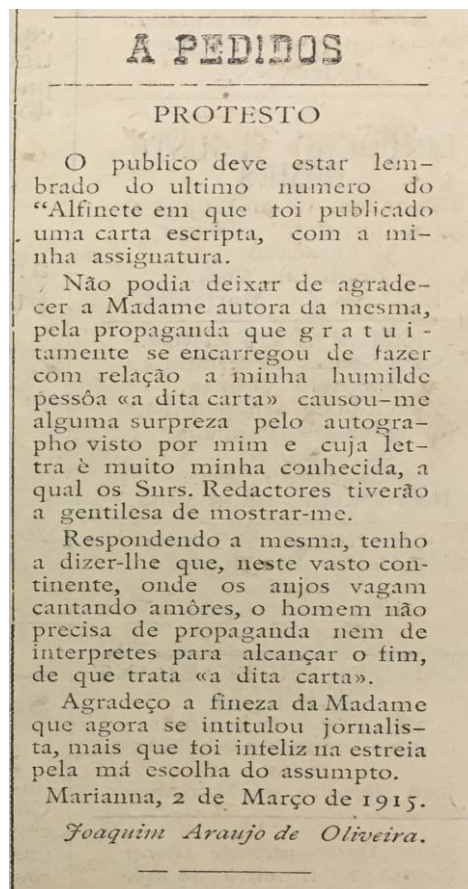
**Figura 16:** *O Alfinete*, nº29, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

A mulher é reconhecida desde que aceite e cumpra seu papel, frente à sociedade e a instituição da Igreja, que possui espaço importante dentro do sistema marianense da época. Segundo Stamatto (2002), o aumento do efetivo feminino das escolas começou no século XIX, mas foi no início do século XX que surgiu o discurso da “vocação natural” feminina para o magistério.

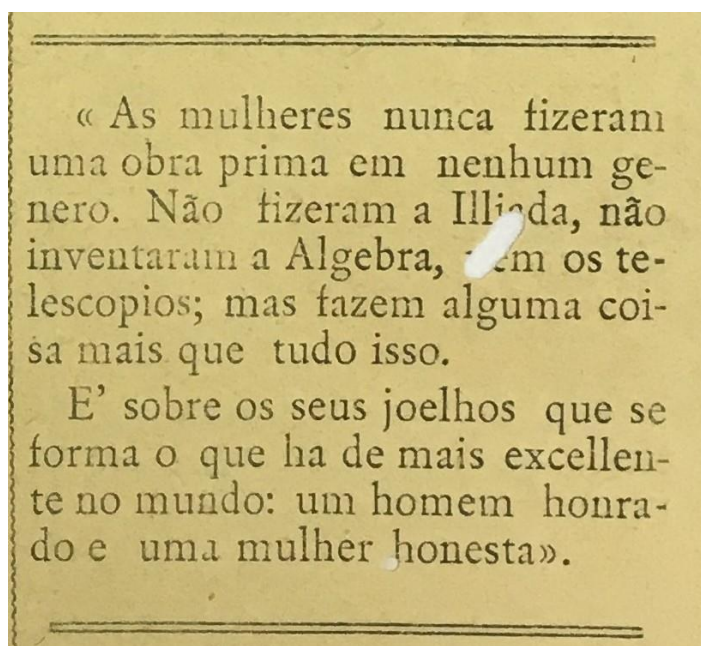
Em 1910 estavam institucionalizados em todo o país os grupos escolares, com novidades em termos de ensino, dire o e supervisão escolar, havendo se não

superioridade, igualdade numérica dos efetivos femininos nas escolas. Todavia [...] os costumes e as práticas cotidianas ainda amarravam as mulheres a velhos hábitos. (STAMATTO, 2002, p.8)

Mesmo tendo acesso à formação, “educação da mulher vai diferir da do homem por não ser direcionado a profissionalização” (MENDONÇA; RIBEIRO, 2010 p.9). Não só na educação, a inferioridade feminina ainda se estendia para as faculdades mentais (Soihet, 1997). A capacidade feminina de administrar uma tarefa considerada masculina, como escrever, ser jornalista ou formular uma teoria, era desacreditada e tratada com negligência. A carta “Protesto” (figura 17), por exemplo, enviada por Joaquim Araújo de Oliveira, é uma resposta a uma crítica enviada por uma senhora, que não é nomeada, sobre seu trabalho. Ele usa um tom de sarcasmo para respondê-la, desmerecendo o crédito de jornalista que a mulher dá a si mesma. Em uma nota publicada na edição nº 65 (figura 18), o autor anônimo afirma que as mulheres nunca colaboraram com nenhuma “obra-prima” intelectual, como a *Ilíada* ou a *Álgebra*, mas fazem mais do que uma contribuição intelectual, elas são responsáveis pela honra do marido e até a honestidade.



**Figura 17:** *O Alfinete*, nº12, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto



**Figura 18:** *O Alfinete*, nº65, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto



Na sessão “Horas de Mariana” (figura 19), na edição nº 76, Edmundo, responsável pela publicação, refere-se ao fim da aula como o retorno das moças a seus “afazeres femininos”, como ler um livro ou tocar piano. Isto é, depois de letrada, a mulher deve voltar para casa e aos assuntos domésticos que lhe cabem.

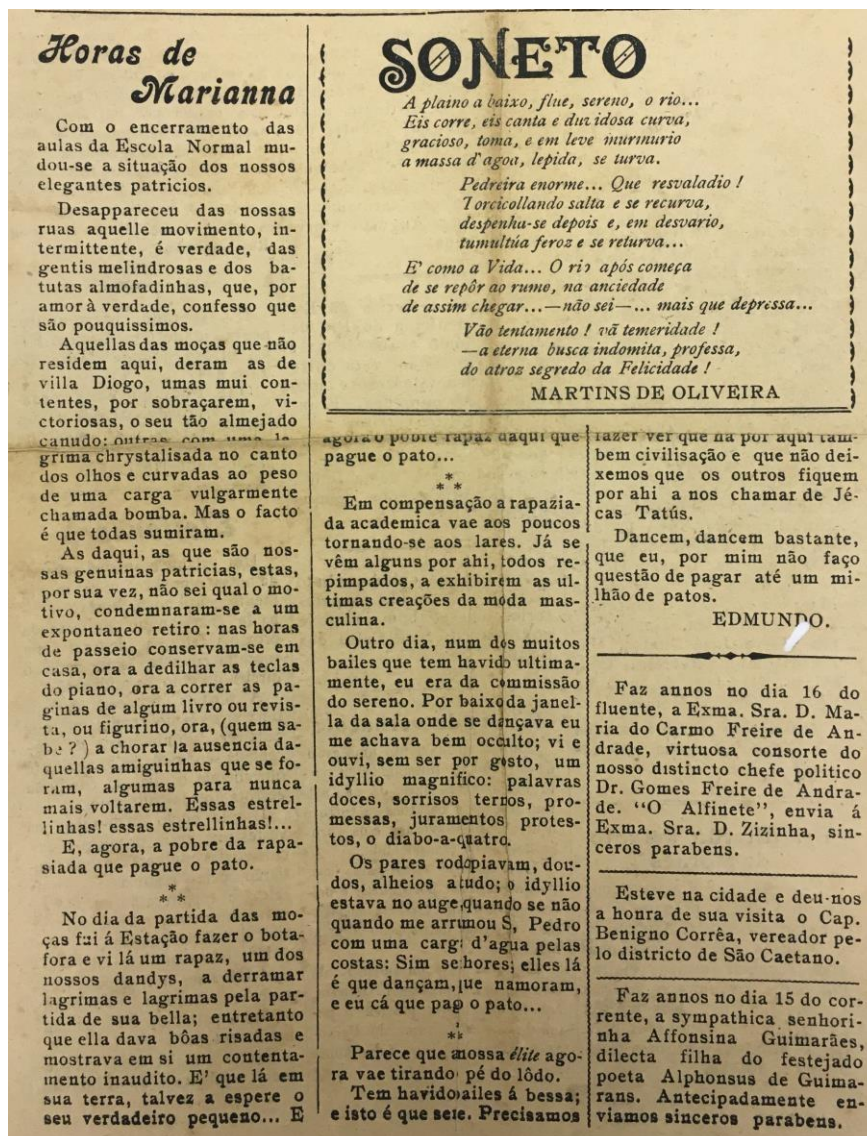
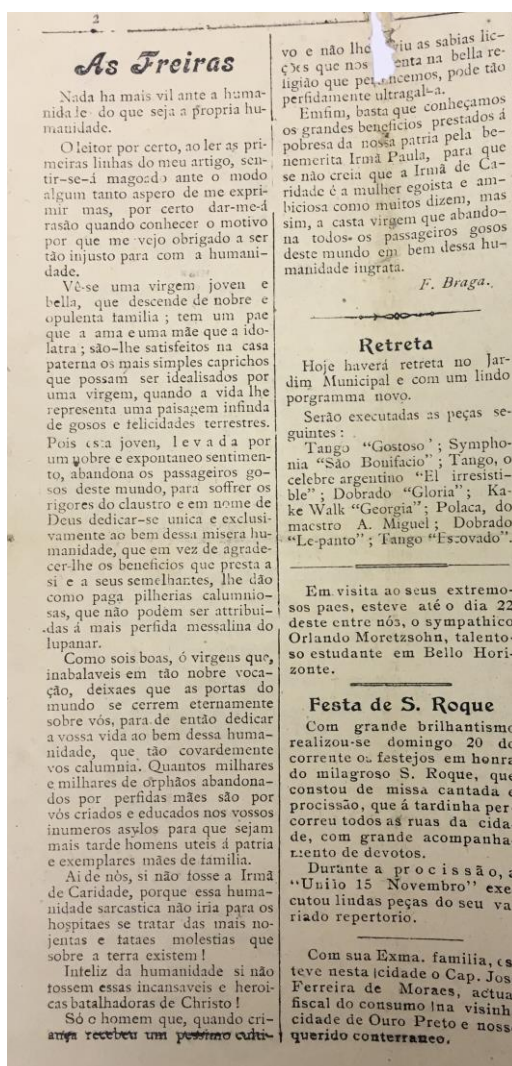


Figura 19: *O Alfinete*, nº76, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

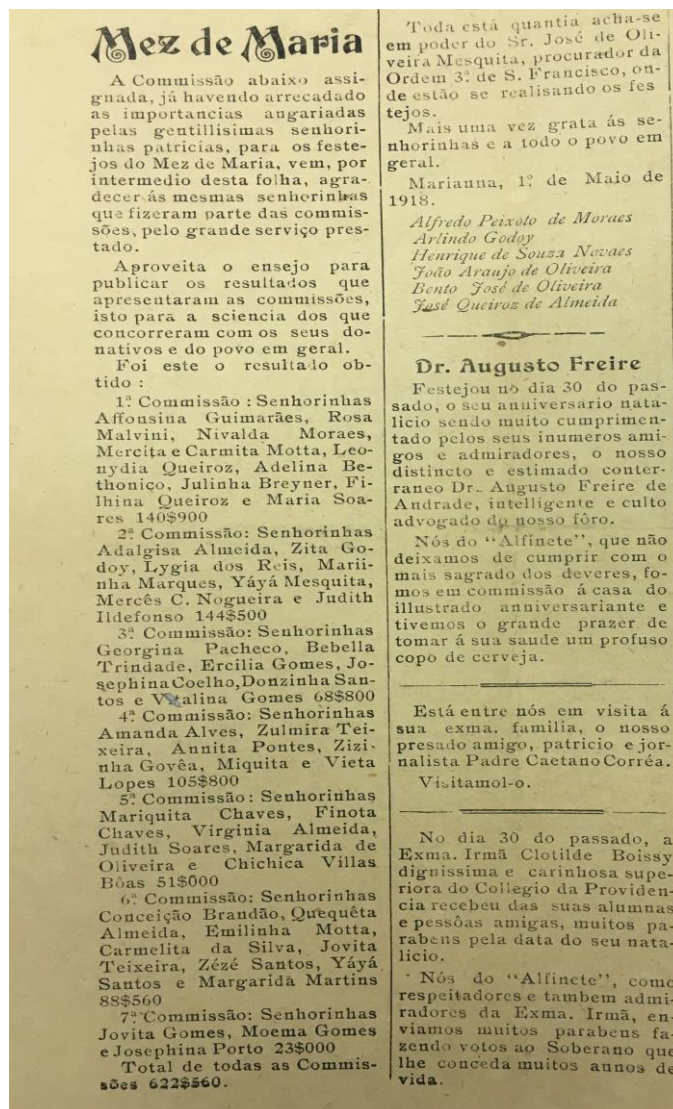
Na observação das narrativas do *Alfinete*, é possível destacar a relevância da participação da Igreja Católica na construção do ideário feminino. Nascimento (2011) explica que no início do século XIX, o catolicismo passou por uma crise no Brasil, de caráter político, o que levou a Igreja a se reestruturar e se aproximar da sociedade. Retirou então parte do

poder atribuído aos homens e direcionou às mulheres, que foram “o elemento chave da sua reforma institucional” (NASCIMENTO, 2011, p. 96). As mulheres se tornariam responsáveis pela reprodução de comportamentos, hábitos e ideias que sustentariam valores conservadores e tradicionais, como a imagem da mulher doméstica e piedosa (NASCIMENTO, 2011).

Nas edições analisadas, a mulher é ovacionada apenas quando submetida aos valores da Igreja. Exemplo deste procedimento é o texto sobre a Irmã Paula, homenageada na edição nº34 (figura 20), por abdicar de seus benefícios terrenos para entrar no reino de Deus, em nome da humanidade, ou moças que receberam um agradecimento do jornal pela arrecadação de dinheiro para a Igreja (figura 21).



**Figura 20:** *O Alfinete*, nº34, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto



**Figura 21:** *O Alfinete*, nº59, disponível no Laboratório CPLMT (Centro de Pesquisa em Linguagem, Memória e Tradução), do curso de Letras, da Universidade Federal de Ouro Preto

O papel designado à mulher pela imprensa se enquadra no conceito de fórmula construído por Alice Krieg-Planque (2002). A autoria investiga como as ideias se consolidam no espaço público por meio dos veículos midiáticos. Segundo a mesma, a fórmula se constitui como um referente social, e para isso precisa ser inserida no espaço público através da imprensa. A imprensa (escrita, televisão, rádio, e outras plataformas) é “o lugar central do compartilhamento das opiniões e decisões” (KRIEG-PLANKE, 2002, p.115). Os atores não chegam ao espaço público de modo direto, mas participam da produção do discurso e sustentam um ponto de vista dominante.

Não são poucas as vozes que consideram as mídias como responsáveis pela promoção, amplificação, circulação – leia-se criação – de palavras do vocabulário dominante, expressões de sucesso, pequenas frases e fórmulas que tomam as pessoas. [...] Essas vozes em geral se elevam para sublinhar a responsabilidade das mídias pela circulação, no espaço público, de palavras e fórmulas cujos efeitos são altamente simbólicos (KRIG-PLANQUE, 2002, p. 117)

É possível observar através da análise d'*O Alfinete* a recorrência da palavra “senhoritas”. “Senhorita” é a forma de tratamento utilizada para tratar uma mulher solteira. A expressão se constitui como fórmula, uma vez que sua sequência no espaço público determina um pensamento acerca da mulher, referenciado em sua disponibilidade matrimonial. A expressão utilizada para segregar a “mulher solteira” da “mulher casada” reforça a ideia de que o personagem feminino é caracterizado segundo a presença masculina. A designação da mulher através de expressões que remetem sua ligação aos homens reforça a ideia do feminino como submisso, secundário e reproduz os valores da época.

As informações colhidas da análise do *Alfinete*, na condição de periódico popular entre os anos de 1914 e 1921, refletem a representação social da mulher na cidade de Mariana, no início do século XX; valores, conceitos e discursos que a colocam em segundo plano na sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstra a forma como a imprensa está submetida à temporalidade. O *Alfinete* reproduz em suas páginas a ideologia e os discursos não só dos seus editores, mas de um período da história social da cidade e do país. O discurso reproduzido pelo periódico é fruto de uma sociedade estruturada sobre valores sexistas, forjados na diferença sexual. A mulher ocupava um papel secundário, pertencendo ao lar, à família e à igreja. Por si só, não era capaz de grandes feitos, mas possuía o dever de apoiar os objetivos do marido, da família e da igreja. A mesma cabia a responsabilidade da casa, dos filhos e do casamento. *O Alfinete*, pode-se afirmar, reproduzia valores e preconceitos da época, que talvez persistam até hoje, em alguma medida, que cunhou o ditado machista clássico: por trás de um homem, tem sempre uma grande mulher.

A pesquisa evidencia a influência do contexto político e social na representação do feminino da época. Ao apresentar seus discursos através de opiniões, poemas e crônicas, o *Alfinete* é um objeto de estudo para se chegar ao cotidiano do cidadão marianense nas primeiras décadas do século XX, e dessa forma, aprender sobre seus imaginários.

Desde o surgimento da imprensa em Mariana, há 187 anos, inúmeros títulos circularam pela cidade. No entanto, o acervo midiático histórico é escasso. A população local não tem acesso a essa história, que acaba se restringindo à memória dos mais velhos e a uma restrita parcela de intelectuais. A realização dessa pesquisa traz à tona um personagem interessante da imprensa marianense, que é o *Alfinete*, de caráter crítico e humorístico, que abordava as questões cotidianas de uma maneira leve e descontraída, mas que ainda assim, carregava em si paradigmas conservadores.

Estudar os conteúdos do *Alfinete* e o contexto em que estava inserido é uma forma de ver como a mídia impressa avançou desde o último século.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v.79, n.191. Brasília, 1998, p.31-41.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 11
- Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011, p.229
- BRITTES, Juçara Gorski. **História dos jornais marianenses do século XIX**. Universidade Federal de Ouro Preto. Projeto de Iniciação Científica, Mariana, 2013. 11p.
- CARVALHO, José Geraldo Vidigal. Mariana comemora 150 anos de uma imprensa atuante. **Minas Gerais**. (Suplemento Literário) – Número Especial Mariana Cidade de Minas. nº719 e 720. 12 e 19/jul/1980, p. 14-15.
- CARVALHO, Paulo Roberto de. **Memória e Identidade: Os Trabalhadores na Companhia Vale do Rio Doce em Mariana, a última geração dos homens de ferro?** Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento). ICHL/Universidade do Rio de Janeiro. UNIRIO, 2002.
- CONFORTIN, Helena. **Discurso e Gênero: a mulher em foco**. In GHILARDILUCENA, Maria Inês (Org.). *Representações do Feminino*. Campinas: Editora Átomo, 2003, p. 107-109.
- CUNHA, Thainá Teixeira. **Estrela Marianense: ensaios da mídia impressa na primeira capital de Minas**. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.
- FONSECA, Cláudia Damasceno. **Mariana: gênese e transformação de uma paisagem cultural**. Dissertação (Mestrado em Geografia Urbana). Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 1995.
- GOODWIN Jr. James W. **Jornal como fontes documentais para a história econômica regional**. In: *Cronos Revista de História*. Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, nº 3. Pedro Leopoldo/MG, 2001. p. 9

GUIMARAENS, Domingos de Leers. **Amanhã tudo isso será tinta**: Alianças de sangue e escrita entre os Guimarães e Guimaraens. Tese (Doutorado). Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciência, 2014). Disponível em: <[http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012020\\_2014\\_completo.pdf](http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012020_2014_completo.pdf)> Acesso em 22 de nov. de 2017

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher** - Lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829 -1832). Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação. Belo Horizonte, 2008, p.23.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Para que serve o jornalismo? In: **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004. 2ed, p.27-54.

KRIEG\_PLANKE, Alice. **A noção de fórmula na análise de discurso**. Quadro teórico e metodológico. São Paulo: Parábola editorial, 2010. p. 109-122

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 207-242

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

MATTOS, Sonia Missagia. **Repensando o gênero**. In: AUAD, Sylvia M. Von Atzingen Venturoli. Mulher - Cinco séculos de desenvolvimento na América - capítulo Brasil. BH: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CREZ/MG, Centro universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999. p.28

MENDES, Jairo Faria. **“O Silêncio das Gerais”**: O nascimento tardio e a lenta consolidação dos jornais impressos mineiros. Tese (Doutorado em Comunicação): Escola de Comunicações e artes da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_, Jairo Faria. **O precursor da imprensa mineira**. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis, 2004.

\_\_\_\_\_, Jairo Faria. **Os dois séculos da imprensa mineira**. In: RESENDE, Guilherme Jorge de (org.). Impasses e Perspectivas da Imprensa de Minas Gerais. São João Del Rey: UFSJ, 2012, p.25-36.

MOREIRA, Luciano da Silva. Dossiê: Combates Tipográficos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Ano XLIV, nº01, janeiro a junho de 2008. Disponível em: < [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/RAPM%2006%202008\\_combates%20tipograficos.pdf](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/RAPM%2006%202008_combates%20tipograficos.pdf)> Acesso 22 de out. 2017, p. 24-41.

\_\_\_\_\_, Luciano da Silva. **Imprensa e Política: Espaço público e cultura política na Província de Minas Gerais 1828-1842**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2006. Disponível em < [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-6X6LY9/disserta\\_olucianosilvamoreira.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-6X6LY9/disserta_olucianosilvamoreira.pdf?sequence=1)> Acesso 22 de out. 2017

MOREL, M. MOREL, Marco. **Os primeiros passos da palavra impressa**. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. História da Imprensa no Brasil.- 2.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. **Caminhos da docência: Trajetória de mulheres professoras em Sabará – Minas Gerais (1830-1904)**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, 2011, p. 15-28

RICIERI, Francine Fernandes Weiss. **Alphonsus de Guimaraens e os jornais: fragmentos de uma bibliografia lacunar**. In: Revista do Centro de Estudos Portugueses, v. 24, n. 33. 2004, p. 311-315

RICOEUR, Paul. Fase documental: a memória arquivada. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p. 155-188.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin**. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Acesso 27 nov 2017

SANTOS, Rafael de Moura. **Imprensa em Mariana - 1830-1989**. Mariana: s.n., 1994.



SEMERARO, Cláudia Marinho. **Início e desenvolvimento da tipografia no Brasil**. In: SEMERARO, Cláudia Marinho; AYROSA, Christiane (Coord.). História da tipografia no Brasil. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo (MASP), 1979. p. 5-21

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, Rachel. **Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas**. In: Revista Estudos Feministas. Vol.5, Nº1, 1º semestre de 1997. Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ. p. 7-29. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12558/11703> acesso 24/11

\_\_\_\_\_, Rachel. **Formas de violência, relações de gênero e feminismo**. Gênero Revista Transdisciplinar de Estudos de Gênero. Nuteg, Niterói – EDUFF, v.2, p. 7-25, 2002.

SOUZA JÚNIOR, Paulo G.. Visões da cidade: memória, poder e preservação em Mariana – MG. In: CAVIGNAC, Julie Antoinette (orgs.). Memória. **Revista Vivência**. v. 1., n. 1. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/28/PDF%20para%20INTERNET\\_28/revista%20VIV%C3%8ANCIA\\_28.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/28/PDF%20para%20INTERNET_28/revista%20VIV%C3%8ANCIA_28.pdf). Acesso em 17 out. 2017, p. 179-198.

STAMATTO, M. I. S. Um **olhar na história**: a mulher na escola (Brasil: 1549 - 1910). II Congresso Brasileiro de História da Educação, Natal, 2002. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf> Acesso 12 nov 2017

VERONA, Priscilla S. B. **A imprensa periódica mineira durante a primeira metade do século XIX e a instrução do Estrela Marianense**. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 4, 2017. João Pessoa. Anais Eletrônicos. João Pessoa: Universidade Federal de Paraíba, 2017, p. 4332- 4343. Disponível em < <http://www.ixcbhe.com/arquivos/anais/eixo3/individual/4332-4343.pdf>> Acesso em 27 de out